



Lucas Bianconi*

RESUMO

O problema geral da pesquisa consiste em aprofundar a compreensão de Edmund Husserl acerca do tema da crise de sentido na experiência humana da civilização europeia. O objetivo é identificar o papel das ciências da natureza na Europa moderna para explicitar as consequências que a adesão do método científico provocou ao mundo da vida das vivências humanas. O trabalho apresenta a importância da retomada da subjetividade através da fenomenologia como alternativa epistemológica para a resolução dos problemas da crise e para o desenvolvimento das ciências humanas. Chega-se à conclusão de que deve haver uma distinção entre o método utilizado para promover as ciências humanas daquele que pretende desenvolver as ciências da natureza.

Palavras-chave: Subjetividade. Epistemologia. Fenomenologia.

Rational problems about the world and the rational contact with the world of life

ABSTRACT

The general problem of this research deals with Edmund Husserl's understanding about the crisis of meaning in the human experience with life in the European civilization. The objective is to identify the role of the natural sciences in modern Europe to explain the consequences that the adherence to the scientific method caused to the world of human experiences. The work presents the importance of retaking subjectivity through phenomenology as an epistemological alternative for solving the problems of the crisis and for the development of all human sciences. The conclusion goes that there must be a distinction between the method used to promote the human sciences and the method used to develop the sciences of nature.

Keywords: Subjectivity. Epistemology. Phenomenology.

*Graduando em Psicologia pela Faculdade Anhanguera. E-mail: lucasbianconi@gmail.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8493-6070>.

Alguns problemas da razão sobre o mundo e o
contato racional com o mundo da vida

O problema do ser das coisas e a subjetividade humana

Já não é novidade que a validade da razão científica vem sendo recorrentemente questionada nas discussões filosóficas da epistemologia. O saber oriundo do olhar contemporâneo do homem sobre o mundo, de acordo com a atitude intelectual e filosófica que promove as ciências da natureza, vem encarando problemas com seu método devido aos pressupostos de sua teoria. Essa afirmação se baseia na crítica do alemão Edmund Husserl (1859-1938), especialmente em seu último livro publicado com o título *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936). Essa obra expressa uma espécie de síntese do seu pensamento crítico acerca do papel das ciências da natureza na civilização Europeia, assim como também pretende apresentar o projeto da sua Fenomenologia (GOTO, 2007). Husserl identifica que o ocidente europeu vive uma crise de humanidade porque o método científico moderno se absteve do estudo da subjetividade e se concentrou apenas no conhecimento objetivo da natureza.

Perseguindo as tradições histórico-filosóficas adotadas pela Europa durante os últimos séculos, Husserl (1935) identificou as principais ideias que motivaram os homens da civilização europeia à necessidade de elaborar um método científico moderno. Interessado em compreender o papel do pensamento racional no processo de formação do conhecimento humano, Husserl (1911) interrogou a validade do conhecimento teórico que o homem elabora sobre o sentido da existência da natureza. Sem dúvidas, o problema da validade do conhecimento do homem sobre o mundo da experiência humana é um dos maiores temas de discussão filosófica da história, e continua em debate mesmo após o advento das ciências “naturais” na Europa do século XVII.

Embora não tenha pretensões de abordar os detalhes da obra *Krisis* (1936), para a realização deste trabalho a obra *La filosofía como ciencia estricta* (1911) foi consultada. Além desta, foram inclusos alguns comentários de duas de suas conferências, cujos títulos são *La filosofía en la crisis de la humanidad europea* (1935) e *La filosofía como autorreflexión de la humanidad* (1937). Também foram expostos comentários relevantes de Angela Ales Bello (1998/2016), Edward Grant (2009), Pierre Thullier (1994), Tommy Akira Goto (2007), Aquiles Côrtes Guimarães (2012) e

Juliana Missaggia (2018) que podem ajudar a ampliar a reflexão proposta por Husserl sobre o papel da filosofia no percurso da existência humana, esclarecendo alguns de seus objetivos, como aquele que pretende dar razão ao método científico moderno como conhecimento da realidade da natureza.

Contudo, para compreendermos como a subjetividade foi negligenciada pela ciência moderna, devemos, inicialmente, retroceder ao mundo real a que estamos submetidos. Quero dizer, com o termo “real” me refiro ao mundo concreto da experiência em que o ser humano vivencia sua vida. Husserl (1935, p. 133) destaca que entre os seres pensantes individuais há um mundo correlato de coisas em comum que nos ligam a ideia de que existem coisas a serem descobertas e explicadas, coisas que existem e são transcendentais, que existem independente do caráter de nossa existência individual e que pertencem a mesma natureza da qual o ser humano é parte integrante (BELLO, 2016). Ao coexistir onde elas habitam, o ser humano as experimenta enquanto as vivencia.

Desta forma, Husserl dá o nome de mundo da vida para o mundo da experiência em comum dos seres humanos, o mundo concreto que pertence à realidade a qual a humanidade habita. Ou seja, antes de tudo, é preciso compreender que a natureza não foi inventada, foi dada (GRANT, 2009, p. 13), e que, no final das contas, o que as civilizações inventaram foram apenas maneiras instrutivas de falar sobre a natureza. Isto quer dizer que há muito tempo o ser humano procura compreender o fenômeno da existência das “coisas” especulando sobre o sentido da “natureza” delas.

No mundo da experiência dos povos arcaicos – ou primitivos – não havia nenhuma ideia de “domínio da natureza” que estivesse separado do “domínio das crenças” e, por isso mesmo, a observação bruta se fundia à imaginação fértil para promover o saber especulativo sem reservas. Trata-se daquelas tradições culturais que contaram as primeiras histórias sobre o sentido da vida humana no mundo em relação à realidade da existência (ELIADE, 1973, p. 11). As percepções humanas (BELLO, 1998, p. 83) registraram o mundo da experiência a partir de vivências distintas, logo, não somente as teorias, mas também as práticas habituais, as concepções morais e religiosas, míticas, foram importantes para contribuir com o desenvolvimento do saber humano acerca do sentido da existência das “coisas”, e

isso os levou a elaborar as suas próprias teses explicativas sobre o sentido da vida. Muito embora essas especulações contribuíssem para o desenvolvimento do saber dessas civilizações, elas ainda dependiam profundamente de concepções místicas e religiosas para se referir aos fenômenos da natureza.

A distinção entre o saber “natural” daquele “religioso” só se desenvolveu posteriormente, nas discussões filosóficas (GRANT, 2009, p. 19), por volta de 600 a.C. na Grécia Antiga. Com a filosofia, Husserl (1937) identifica: “Se apodera del hombre la pasión por una concepción del mundo y un conocimiento del mundo” (HUSSERL, 1935, p. 154). Afinal, foi somente a partir da reflexão expressa na atitude filosófica que a razão passou a investigar o mundo de forma rigorosa a partir do pensamento crítico. A atitude filosófica apresenta uma nova maneira de se orientar nas questões do conhecimento, enfatizando a importância da reflexão para alcançar o conhecimento efetivo.

Poder-se ia dizer que, para os filósofos, o sentido da vida no mundo torna-se gradualmente uma coisa que deve ser pensada, que pode eventualmente ser confirmada, contrariada ou ainda que se deixa problematizar pela dúvida. Sendo o modo humano um modo racional de ser, Husserl explica que seu modo próprio o eleva a alcançar planos cada vez mais amplos de autorreflexão sobre o sentido do mundo e das “coisas” (HUSSERL, 1937, p. 129). Além disso, Husserl (1937) percebe que a aspiração mais profunda da filosofia é aquela que pretende elevar o raciocínio humano ao juízo verdadeiro acerca do sentido da realidade da existência das “coisas”. De acordo com Angela (1998), Husserl afirma que o “ser” da verdade absoluta – como ideal do conhecimento correto – é o objetivo de uma construção lógica que pretende encontrar a maneira de raciocinar corretamente. Isto quer dizer que a lógica do ideal da verdade pretende alcançar o raciocínio capaz de comprovar o “sentido” da existência do “ser das coisas”. Isso tudo motivou a filosofia a se propagar “como la comunidade profesional de los filósofos que va ensanchándose, y como un movimiento comunitario de la educación que igualmente se va ensanchando (HUSSERL, 1935, p. 155) responsável pela produção de conhecimento teórico acrescida de conhecimento teórico, de modo *inifitum*.

Infelizmente, a tarefa de tornar a filosofia uma ciência rigorosa em busca do verdadeiro sentido das coisas do mundo e da vida parece ter sido abandonada e

esquecida. De acordo com Husserl (1911), toda essa pretensão de tornar a filosofia uma ciência fora abandonada por falta de um sistema que ordenasse a autoatividade dedutiva e indutiva das intelecções racionais dos espíritos (HUSSERL, 1911). Ou seja, para a realização desta tarefa seria necessário à elaboração de um método que alcançasse a evidência capaz de justificar a realidade das “coisas”.

A busca de evidências que compreendessem o “sentido” das coisas repercutiu pela civilização grega, e dela parece ter surgido um movimento filosófico específico que iniciou a pretensão de discutir o método mais adequado para que os homens pudessem conhecer a realidade da natureza. De acordo com Edward Grant (2009 p. 64), este movimento tem raízes no pensamento de Aristóteles (384-322 a.C) por ter sido ele o primeiro a se dedicar ao desenvolvimento de um método a ser aplicado ao estudo de observação da experiência. Muitas civilizações já investigaram a natureza – cada qual a sua maneira de vivenciá-la e concebê-la – no intuito de compreendê-la. Como dito no início da pesquisa, o fato de que o ser humano idealiza o sentido da existência da natureza precede até mesmo a Grécia Antiga (GRANT, 2006). Porém, aparece, de acordo com Husserl, alcançando seu mais alto grau de prestígio lógico através da razão no pensamento filosófico dos gregos.

Durante a conferência, Husserl (1935, p. 143) destaca a ideia de que a aspiração filosófica de chegar até o conhecimento verdadeiro – existente desde a Grécia Antiga – é o fundamento da atividade intelectual que motivou a humanidade a elaborar as ciências da natureza. Isto quer dizer que Husserl reconheceu a influência do pensamento filosófico dos gregos no pensamento do ocidente europeu que deu origem ao método científico moderno. A Europa moderna, portanto, retoma a pretensão grega de fazer da filosofia natural o domínio do conhecimento efetivo através da observação da natureza.

Angela (1998) também identifica que é por essa razão que não podemos separar a essência da cultura europeia da grega. A razão ganha um papel importante de investigação teórica na cultura do ocidente europeu adotando a pretensão filosófica dos gregos de alcançar o conhecimento exato das coisas, e Husserl percebe que essa pretensão de conhecer o mundo natural através da razão despertou no homem um senso crítico de um novo gênero.

Foi a partir da expressão da natureza como *physis* que a filosofia natural, ou estudo da natureza, motivou a Europa a elaborar o método de pesquisa científica, que buscava determinar as causas dos fenômenos da natureza através da observação da experiência. De acordo com essa metodologia, caso o fenômeno não pudesse ser observado no mundo físico – segundo as leis de causa e efeito concebidas pela física – sua existência seria simplesmente negada como um conhecimento que não pertence a realidade da natureza por “falta de evidência científica”. Ou seja, é como bem salienta Pierre Thuillier na introdução do livro *De Arquimedes a Einstein: a face oculta da investigação científica*: “tudo que puder servir a realização desse projeto aparece como ‘racional’” (THUILLIER, 1994, p. 24), enquanto o resto é tido como mero irracionalismo, sem validade de existência efetiva, passando a ser desconsiderado do domínio da investigação científica.

Além desta perspectiva materialista da natureza ter influenciado o pensamento da civilização europeia, tanto Grant (2009) quanto Husserl (1935) destacam outro momento decisivo para o desenvolvimento do método científico moderno, que não se encontra no pensamento filosófico do estudo da natureza durante a Grécia Antiga. Depois do século XVII, de acordo com Grant (2009), a matemática se uniu a filosofia natural para “buscar as causas físicas dos fenômenos da natureza” (GRANT, 2009, p. 408). Husserl também reconhece a importância deste momento do pensamento científico moderno na civilização europeia e se posiciona a respeito dizendo que: “el resultado del desarrollo consecuente de las ciencias exatas en la época moderna ha sido una verdadera revolucion en la dominacion técnica de la naturaleza” (HUSSERL, 1935, p. 137).

Segundo Grant (2009, p. 398), os filósofos medievais ampliaram muito a aplicação da matemática nos problemas filosóficos, os unindo cada vez mais à física. Ou seja, poder-se-ia dizer que a aritmética, a geometria, as matemáticas propriamente ditas não faziam parte da vida cotidiana como passaram a fazer depois da Idade Média e no início da Era Moderna. Ao longo do tempo a matemática deixou de ser apenas uma disciplina teórica e se impôs no desenvolvimento de técnicas a serem aplicadas aos problemas de experiência prática da vida na natureza. Pode-se entender que, para Husserl, a matemática moderna revolucionou a maneira da civilização europeia de conceber o mundo e essa revolução tem seu ápice na passagem da geometria

euclidiana para a geometria galilaica, que ocorre por volta do século XVII¹. Do século XVII em diante a influência da experimentação e do cálculo no conhecimento científico foi tão grande que todo saber objetivo se concentrou como meio para criação de técnicas e metodologias.

Toda essa conversão do olhar científico moderno fez com que o homem que participa da cultura da civilização europeia adotasse um conhecimento que idealiza o mundo físico da natureza, agora aplicando fórmulas matemáticas para se referir a dinâmica das coisas, dizer o que elas são ou como elas funcionam. Desta maneira a realidade da natureza passa a ser interpretada de maneira impessoal e objetiva, quantificada, explicada através de cálculos e acessível somente ao método científico. Nisto se difundiu a era da coleta de dados e de estatísticas, além do acúmulo de informações, que ainda prepondera na civilização europeia desde o início da chamada Revolução Científica.

A abstração de tudo que é subjetivo e a matematização da natureza, de acordo com Goto (2007), fez com que os problemas fundamentais do ser humano, tais como o mundo dos valores e o sentido da existência pessoal e comunitária fossem ignorados e esquecidos. É nessa perda de sentido do mundo da vida humana causada pela matematização e pelo objetivismo fisicalista² da natureza que Husserl afirma ter visto o surgimento da crise da humanidade na civilização europeia no século XIX.

Como bem nos esclarece Goto (2007), Husserl não questiona as ciências da natureza com o intuito de desqualificar suas técnicas e finalidades práticas em meio a natureza, mas critica a oposição radical entre técnica e humanismo que existe em nosso tempo com a finalidade corrigi-la. Goto (2007, p. 104), comentando a crítica de Husserl, explica que o esvaziamento de sentido da vida humana foi causado:

Pelo simples fato de se compreender a vida e o mundo, não mais pela experiência direta, mas pelo modo mecânico e causal dos cálculos numéricos. Isso significa que a vida passa a ter um sentido regido pelos

¹ Husserl percebe que a representação do espaço através da geometria influenciou a maneira dos homens compreenderem a realidade da natureza. Diferentemente da geometria de Euclides na Grécia Antiga, Galileu (1564-1642) inaugura uma nova forma de mensurar a experiência concreta do espaço através da especulação de cálculos matemáticos que revolucionou a aplicação prática das ciências exatas no domínio da metodologia científica.

² Para obter mais detalhes sobre a perspectiva de Husserl acerca da influência das ciências exatas na fundação do método científico moderno, recomendo a leitura do cap 2.2 “O esclarecimento da origem da contradição moderna entre o objetivismo fisicalista e o subjetivismo transcendental” de Tommy Akira Goto (2007).

símbolos e pelas regras matemáticas, que por sua vez aparecem como regras de um jogo. O esvaziamento de sentido da ciência natural traz algumas consequências a vida, como o distanciamento do próprio mundo, a mecanização do universo entre outras.

Para Husserl, de acordo com Goto (2007), a crise da humanidade está intimamente ligada à perda de significado da vida potencializada pela ciência. Angela (1998) também ressalta que a adesão à mentalidade científica interferiu diretamente no modo como as pessoas concebem o sentido da sua existência, ou seja, “o resultado desse processo se tornou um a priori que está conexo com o próprio ser do homem e com a sua maneira de experimentar, pensar, agir e considerar as coisas” (BELLO, 1998, p.60). Como bem observa Pierre (1994), por trás dos raciocínios matemáticos havia “uma nova maneira de olhar o mundo, de ‘sentir’ sua organização, de imaginar suas estruturas” (THULLIER, 1994, p. 61).

Goto (2007) menciona que Husserl entende que o mundo da vida é aquele em que o ser humano é afetado pelas suas vivências – fundamentalmente doadoras de sentido da experiência – e que este ficou encoberto, fora substituído por um mundo meramente explicado por “leis exatas”, dadas por uma série de conhecimentos teóricos elaborados pelas disciplinas científicas que idealizam a natureza segundo seu modo de concebê-la. Ou seja, o mundo fora pensado pela matemática, pela geometria, pela física, e passou a ter o seu sentido reduzido e explicado de acordo com o modo como tais ciências da natureza o constituem: como fenômeno da experiência (GOTO, 2007, p. 104).

Isto é, de acordo com Missaggia “em um sentido amplo, o mundo da vida abrange o mundo da ciência objetivista, mas o contrário não é verdade” (MISSAGGIA, 2018, p. 203). Essa substituição ingênua do mundo da vida para o mundo “concebido pelas ciências da natureza” ignora que a subjetividade é a origem dos fenômenos de sentido elaborados pela consciência, já que a consciência mesma vira também um objeto de idealização.

Angela (1998, p. 55) faz observações pertinentes capazes de explicar a intenção de Husserl ao elaborar as críticas expostas acima. Apesar do fato de sermos seres pensantes, ou seja, de que nós idealizamos, devemos perceber que a vida não é construída de maneira ideal, mas é vivida, primordialmente. Seu sentido se doa a cada nova vivência, portanto, “não existe uma mediação simbólica ou sinal que

substitui a coisa” (BELLO, 2016, p. 28). O ser como realidade e o ser como consciência coexistem, são correlatos, mas, no entanto, são distintos. Conforme esclarece Angela (1998), “Husserl pretende evidenciar a distância entre a experiência concreta e a idealização, que está na base da mentalidade ocidental em geral, manifestando-se de modo particular na filosofia e nas ciências” (BELLO, 1998, p.57).

Portanto, o mundo concreto da experiência humana é o *a priori* material que antecede qualquer forma de teorização, enquanto o mundo da vida é o mundo da intuição imediata da consciência humana (GUIMARÃES, 2012, p. 36) que o vivencia e o concebe em idealização. Angela (1998) também reitera a importância desta distinção explicando a diferença exposta por Husserl entre a concepção de mundo idealizada pelas ciências da natureza em contraste com o mundo concreto vivenciado pela percepção: “nos ensinaram que a terra é um corpo (*Korper*) celeste em um universo infinito, mas isso não corresponde a nossa experiência, segundo a qual a terra é antes de tudo um chão (*boden*) no qual estamos ancorados” (BELLO, 1998, p. 56). A visão de mundo das ciências da natureza pensa o mundo ideal de forma objetiva e acaba por distanciar-se da realidade concreta vivenciada pelo ser humano, ignorando a realidade da experiência pessoal dos indivíduos, deixando o sentido da condição humana no mundo sem nenhuma orientação.

É justamente por isso que Husserl inaugura, de acordo com Guimarães (2012), um convite a uma nova racionalidade, em que a estrutura perceptiva da consciência humana é considerada como a abertura de horizontes passíveis de significações. O esclarecimento dessa abertura da consciência para o mundo da vida permite que o sujeito possa se apropriar da sua própria condição de “ser pensante” e se recoloca em contato com a realidade através da intuição. Logo, o contato racional com o mundo da vida deve ainda ser investigado pelo método fenomenológico naquilo que lhe é universal e essencial. No entanto, já revela o horizonte de atuação da subjetividade humana e o valor das vivências no processo de construção do conhecimento acerca do sentido do “ser das coisas” em questão.

Considerações Finais

O empreendimento científico é, portanto, o empreendimento de um segmento filosófico específico que idealiza o sentido do mundo da experiência observando o mundo físico da natureza. Isto pode ser considerado como uma experiência indireta, pois se baseia em hipóteses e teorias objetivas. Já na experiência direta daquilo que é subjetivo cada ser humano experimenta o mundo da natureza a partir de suas próprias vivências, e são elas que conferem sentido às coisas da vida, conforme ele mesmo experimenta e vivencia. É pela distinção entre “coisas” e “vivências” que a redução do ser humano à técnica deve ser tratada como inconcebível.

A retomada da subjetividade a partir da fenomenologia pode, portanto, de acordo com Goto (2007), resultar na recuperação do âmbito das questões da vida humana – esquecidas pela ciência – e no descobrimento do mundo da vida das vivências subjetivas que estão na base da formação de conhecimento acerca do sentido das “coisas” do mundo da experiência concreta. Logo, torna-se viável concluir que cabe às ciências humanas adotar um método diferente daquele que se aplica nas ciências da natureza para remediar os problemas da crise de sentido que ocorre na civilização europeia. Isto é, as ciências humanas devem retomar as estruturas da subjetividade se quiserem compreender como se dão as vivências de sentido da experiência humana com as coisas e com a vida sem reduzi-las ao objetivismo fiscalista do método científico, que pretende experimentar e conceber o sentido da natureza de forma indireta e objetiva.

Referências

BELLO, Angela Ales. **Culturas e Religiões**: uma leitura fenomenológica. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 1998.

BELLO, Angela Ales. **Pensar Deus, crer em Deus**. Tradução de Aparecida Turolo Garcia (Ir. Jacinta) e Márcio Luiz Fernandes. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Mundo da vida).

ELIADE, Mircea. **Iniciaciones místicas**. Tradução de José Matías Díaz. Madrid: Taurus Ediciones, 1973.

GOTO, Tommy Akira. **A (re)constituição da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl**. 219f. Tese (Doutorado em Psicologia). Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Campinas, 2007.

GRANT, Edward. **A História da Filosofia Natural: do mundo antigo ao século XIX**. Tradução de Tiago Attore. São Paulo: Editora Madras, 2009.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. O conceito de mundo da vida. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-150, abr./set.2012.

HUSSERL, Edmund. **La filosofía como autorreflexión de la humanidad**. Tradução de Elsa Tabernig. 3ª ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1937. (Colección La Vida Del Espíritu).

HUSSERL, Edmund. **La filosofía como ciencia estricta**. Tradução de Elsa Tabernig. 3ª ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1911. (Colección La Vida Del Espíritu).

HUSSERL, Edmund. **La filosofía en la crisis de la humanidad europea**. Tradução de Elsa Tabernig. 3ª ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1935. (Colección La Vida Del Espíritu).

MISSAGGIA, Juliana. A noção Husserliana de mundo da vida (*Lebenswelt*): Em defesa de sua unidade e coerência. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 1, p. 191-208, jan./mar. 2018.

THUILLIER, Pierre. **De Arquimedes a Einstein: a face oculta da investigação científica**. Tradução de Maria Inês Duque-Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Recebido em: 23/02/2022.
Aprovado em: 05/05/2022.

Received: 23/02/2022.
Approved: 05/05/2022.